

GUETO

ISBN 2319-0752

REVISTA ACADÊMICA

9ª EDIÇÃO
ED. ESPECIAL
NOVEMBRO



**JEAN-JACQUES ROUSSEAU:
O PEDAGOGO E O POLÍTICO**

Antonio Pedro Moura de Oliveira

**A RELEVÂNCIA DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA PARA O
ENSINO DE CIÊNCIAS: ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS**

Gabriel Ribeiro / José Luís de Jesus Coelho da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA -
CFP/UFRB

Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª / 1515

R454r

Revista Acadêmica GUETO / Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores – Vol. 1, n.1 (2014) - . Amargosa, Bahia: UFRB - CFP, 2014 - . v.; il.

Semestral

Disponível em <http://www2.ufrb.edu.br/revistaacademicagueto/>
e-ISSN – 2319-0752

1. Educação - Periódicos. 2. Inclusão social - Periódicos. 3. Cultura corporal – Periódicos. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. II. Centro de Formação de Professores III. Título.

CDD – 370

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA E O SEU ENSINO: CONTEXTOS E PERSPECTIVAS

André Luis Machado Galvão⁶⁷

Antônio Carvalho da Silva⁶⁸

RESUMO

O presente trabalho apresenta concepções acerca da literatura e do seu ensino, a partir de vários autores, refletindo sobre as convergências e as interfaces dessas abordagens. A partir dessas reflexões, e diante da importância da leitura para o mundo contemporâneo, tece considerações sobre o ensino de literatura na escola, alguns de seus desafios e considera perspectivas que podem proporcionar a formação de leitores na escola através de um ensino de literatura mais dinâmico e emancipador.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, ensino, leitura.

ABSTRACT

The present work presents conceptions about the literature and its teaching, from several authors, reflecting on the convergences and the interfaces of these approaches. From these reflections, and given the importance of reading to the contemporary world, he makes considerations about the teaching of literature in school, some of his challenges and considers perspectives that can provide the formation of readers in the school through a more dynamic and emancipator literature teaching.

KEY WORDS: Literature, teaching, reading.

1. Introdução

Diante do contexto atual, em que a leitura assume centralidade na formação de um indivíduo autônomo e capaz de interagir criticamente com os múltiplos conhecimentos com que tem contato diariamente, a formação de leitores tem sido um constante desafio para o ensino escolar. Nesse sentido, o ensino de literatura deve ser considerado um dos caminhos para estimular nos alunos o gosto pela leitura, através da

⁶⁷ Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho. Servidor técnico-administrativo lotado no CFP/UFRB.

⁶⁸ Doutor em Metodologia do Ensino do Português pela Universidade do Minho. Membro do CIED e Professor auxiliar da Universidade do Minho.

interação dos estudantes com textos que lhes despertem a curiosidade e estimulem seu senso criativo, satisfazendo sua necessidade humana de fantasia. Assim, é fundamental teorizar sobre a literatura a partir das demarcações que lhes são imputadas e de considerações acerca de sua constituição, natureza e manifestação na sociedade, para adiante discutir o seu ensino.

2. Literatura: considerações para além de sua definição

A literatura tem muitas facetas, a começar por suas definições, repletas de variadas possibilidades. Etimologicamente, a palavra literatura vem do latim *litteratura*, que significava literalmente “a arte de escrever” e da forma *littera*, que significava “letra”. Ao longo dos tempos, várias definições foram sendo formadas sobre ela, ao gosto de autores, leitores, teóricos..., mas hoje há que se pensar em duas principais diretrizes: a primeira, que considera a literatura como a grande área onde se encontra tudo que pode ser objeto de leitura, compreendendo os mais variados textos de todos os gêneros; e a segunda, que concebe a literatura como arte, como produção ficcional, englobando as suas possibilidades: poesia, conto, crônica, romance, entre outros, conforme explica D’Onófrío (2005, p. 322):

[...] não toda literatura é arte. De um modo geral, literatura é o que foi escrito sobre algum assunto: assim falamos de literatura médica, jurídica, esportiva etc. Outra coisa é o conceito de literatura num sentido restrito, como arte da palavra, que pode ser definida assim: uma forma de conhecimento da realidade, que se serve da ficção, e tem como meio de expressão a linguagem, artisticamente elaborada.

Nesta pesquisa, a segunda diretriz, que entende a literatura como arte, como objeto de ficção, será a referência, já que o ensino de literatura nas escolas toma-a por base em seu currículo. A seu respeito, D’Onófrío (2005) ressalta a sua produção como sendo voltada “para a compreensão do mundo em que vivemos”, diferenciando-a de outras áreas, como a filosofia e a ciência, pelo fato de recorrer à imaginação ou à fantasia para tentar compreender o mundo. E ainda complementa, afirmando que “Fictício não significa falso, mas apenas historicamente inexistente” (D’ONÓFRIO, 2005, p. 322).

A literatura, concebida como arte ou como obra de ficção, finca sua importância para a humanidade através dos tempos, desde a Grécia antiga, quando os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles apresentaram as primeiras considerações sobre sua natureza, até os dias de hoje, representando um importante instrumento cultural e de

lazer, que movimentam as emoções e fantasias de milhões de leitores mundo afora e consequentemente um enorme mercado editorial, que, por sua vez, envolve grandes recursos financeiros. E, dada essa importância, a literatura está incluída no currículo escolar em todo o mundo, sendo abordada por métodos e formas diferentes, com objetivos muito diversos em cada sistema educacional. Por acreditar na relevância do aspecto ficcional do texto literário e como sua leitura implica na forma como o indivíduo passa a analisar e interpretar a realidade em que está inserido, esta pesquisa direcionará a sua atenção à literatura como arte da palavra, como instrumento ficcional, buscando aprofundar conceitos e considerações teóricas a seu respeito e em relação ao seu ensino nas escolas.

As primeiras considerações sobre a arte, na Grécia Antiga, associavam-na à mimese (imitação da realidade). Por extensão, a “arte poética”, dividida por Aristóteles em vários gêneros, a exemplo da poesia, comédia e tragédia, é a representação do que hoje se denomina literatura. Segundo Spina (1995), para Platão e Aristóteles, o objeto da mimese é a práxis humana, porém Sócrates defendia um conceito ampliado, afirmando que, além da expressão ética, a arte poderia se fixar na expressão psicológica do homem, desde que visível.

O fato é que, desde as primeiras tentativas de compreender e definir as manifestações literárias, compreendidas dentro do universo artístico, a humanidade tem verificado a atemporalidade da literatura, de suas histórias, personagens e ensinamentos. Não obstante esteja no mundo ficcional, suas referências têm sido fundamentais para refletir sobre o passado, o presente e o futuro das sociedades humanas. Não à toa, literatura e história muitas vezes se confundem em suas narrativas, dada a profundidade e importância dos textos literários, que projetam em suas linhas traços da realidade a partir da perspectiva e vivência de seus escritores.

Para Lajolo (2002, p.105), “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. Murrie (2007, p.79) compreende que todo o texto é elaborado de forma que possa ser lido, do que decorre que “autor, texto literário e leitor formam um todo relacionado dentro de um sistema”. Nessa mesma abordagem, Cândido (2006) entende que é o público que dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois o público é como o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador.

Ao longo dos tempos, várias obras literárias marcaram a sua presença no imaginário humano, sendo essenciais para compreender o contexto de onde, quando e

por quem foram escritas. Desde as epopeias de Homero na Antiguidade a textos monumentais como *Os Lusíadas*, de Camões, passando por grandes ícones literários, como *Dom Quixote de La Mancha*, *Ulisses*, *Fausto*, entre tantos outros, a literatura insere sua definitiva importância como marco da manifestação da existência humana na Terra, da sua maravilhosa capacidade de criar e fazer pensar.

No mundo contemporâneo, a conceituação de literatura ainda está muito longe de atingir um consenso entre pesquisadores e teóricos do assunto. É nessa direção o entendimento de Souza (2007), ao afirmar que a indagação sobre o que é literatura tem caráter muito complexo, e seus desdobramentos ultrapassam largamente o espaço incontroverso de uma enumeração de exemplos ou de uma definição que se pretenda conclusiva. Isso, de certa forma, faz jus à natureza da literatura, pois, afinal, uma de suas principais virtudes é justamente a capacidade de desconstruir um discurso único, de estimular a reflexão e a crítica sobre as concepções já formadas, abrindo a possibilidade para o surgimento de novas ideias a todo instante. Portanto, percebe-se o seu caráter contraditório e revolucionário, exposto por Compagnon (1999), uma vez que a literatura pode colaborar com a ideologia dominante, mas também ser subversiva ao contestá-la; ou, ainda, pode conduzir a um consenso, mas é igualmente capaz de ocasionar a ruptura.

O caminho tortuoso que se percorre para conceituar a literatura, de modo a encontrar uma definição capaz de abarcar sua representação, é discutido por Lajolo (2010, p. 25), levando em considerações os interesses e referências de cada grupo social que se propõe a construir um conceito:

O que é literatura? é uma pergunta complicada justamente porque tem várias respostas. E não se trata de respostas que vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição. Respostas e definições – vê-se logo – para uso interno.

A dificuldade em chegar a uma definição de literatura, discutida por Lajolo (2010), também tem relação com os valores atribuídos aos textos ao longo do tempo, seja por quem escreve, seja por quem lê. Para essa autora, a literatura acontece quando, a partir de um texto, autor e leitor suspendem a “convenção corrente”, sendo a literatura uma espécie de porta aberta para vários mundos oriundos das leituras que são feitas. Também determina que o texto é considerado literário ou não-literário a partir da relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de leitura. Isso faz com que a definição do que seja literatura varie, permitindo que um texto deixe de ser ou venha a ser literário a depender de quem o leia, ou do momento histórico, da

abordagem crítica, além de outros fatores.

Essa ideia, que compreende uma variabilidade do que pode ou não ser considerado literário a depender de inúmeros fatores, defendida também por Eagleton (2006), encontra no contexto da literatura brasileira um exemplo bem elucidativo: as crônicas de viagem, escritas por cronistas viajantes no início da colonização do Brasil no século XVI, cujo objetivo era tão somente apresentar as riquezas das terras recém-descobertas a governantes e exploradores, utilizando inclusive uma linguagem descritiva e objetiva, nos dias de hoje estão incluídas no currículo escolar nacional como literatura, mais especificamente “literatura de informação”, fazendo parte do período literário denominado de Quinhentismo. Logo,

Qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente – Shakespeare, por exemplo – pode deixar de sê-lo. Qualquer ideia de que o estudo de literatura é o estudo de uma unidade estável e bem definida, tal como a entomologia é o estudo dos insetos, pode ser abandonada como uma quimera (EAGLETON, 2006, p. 16).

Portanto, considerando esse aspecto múltiplo das considerações sobre a literatura, alguns pontos de vista serão analisados para ilustrar essa variabilidade e ajudar a refletir sobre a sua natureza. Em primeiro lugar, concebe-se que “A literatura se distingue das demais formas e tipos de conhecimento da realidade pelo fato de exprimir-se por meio de palavras polivalentes. De onde se poder assentar o seguinte conceito: a Literatura é um tipo de conhecimento expresso por signos verbais polivalentes” (MOISÉS, 2004, p. 269). Mais adiante, o mesmo autor complementa: “Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras polivalentes, ou metáforas” (p. 269).

O conceito trazido por Moisés (2004) apresenta dois aspectos relevantes: a literatura como um tipo de conhecimento expresso através da imaginação e o uso de palavras “polivalentes” para essa expressão, palavras essas que o autor compara a metáforas. Quanto ao primeiro aspecto, cumpre destacar que, independente de se amparar na fantasia, a literatura se constitui um ramo do conhecimento, trazendo contribuições para a reflexão sobre a realidade. Essa análise reforça a importância da literatura mesmo diante do utilitarismo do mundo contemporâneo, onde muitos indivíduos consideram pouco produtivo ou útil dedicar seu tempo a um texto ficcional, apenas pelo fato de ele não ser direcionado a uma utilidade prática do mundo material, como instruir ou teorizar conhecimentos. O segundo aspecto, que se refere ao uso de

palavras “polivalentes”, é fundamental na concepção que se tem de literatura como artefato ficcional. Se o conhecimento por ela produzido se dá por meio da fantasia ou da imaginação, cabe às palavras ou expressões usadas para tal fim que sejam capazes de reproduzir uma determinada realidade, e para isso devem ser dotadas de polivalência de significados, com o escopo de abranger todas as possibilidades dessa expressão artística.

A ficção contida na obra literária está, portanto, relacionada tanto com a sua aproximação com o mundo real, onde busca seus referenciais constitutivos, quanto com o uso da linguagem, a fim de elaborar os constructos que dão forma ao discurso ficcional. Esse contexto híbrido, mas homogêneo, para Lima (2006, p. 288), “assume a aparência de realidade”, decorrente do fato de que “[...] a transgressão da realidade não se dá apenas pela escolha de valores, usos e costumes presentes no mundo social em que é gerada a obra, mas também pela manipulação lexical e pelos esquemas que presidem a escolha de tipos de personagem e as ações que cumprem”.

Ainda no que se refere ao atributo ficcional do texto literário, Cândido (2006), ao se referir à arte, e por extensão à literatura, destaca a sua relação com o real e projeção ao imaginário através do que denomina de “manipulação técnica”:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar (CÂNDIDO, 2006, p. 63).

A literatura, dessa forma, não se desprende da realidade, como muitas vezes o senso comum determina. Muito pelo contrário, está diretamente ligada a ela, tem-na como matéria-prima, cumprindo a tarefa de manipulá-la a fim de construir o seu imaginário, que não se afasta da relação com o real. Nesse aspecto, o texto literário se apropria do conceito de verossimilhança. Segundo Spina (1995), a partir das ideias de Aristóteles, “o verossímil é [...] aquilo que o público crê possível, aquilo que é normal acontecer; aquilo que habitualmente acontece; aquilo que como fato não choca a opinião pública, ainda que seja verdadeiro” (SPINA, 1995, p. 109). Nessa lógica, a verossimilhança depende muito do ponto de vista do leitor em considerar o que poderia ser ou não real, ratificando a postura de “gratuidade” relatada por Cândido (2006), já que tal aspecto é uma liberalidade do leitor.

É preciso considerar ainda que muitas vezes a literatura antecipa a realidade,

como é o caso das obras de ficção científica, ou mesmo das grandes distopias escritas por autores como George Orwell, Aldous Huxley ou Ray Bradbury. Nesses casos, o alcance da verossimilhança se estende, pois a obra literária propõe algo que a realidade ainda não vislumbra, e que às vezes parece improvável vislumbrar. Pode exemplificar-se tal situação com a obra *1984*, escrita por George Orwell e publicada em 1949. Essa história prevê um mundo em que os cidadãos estariam submetidos a um regime de governo totalitário, que entre outras ações seria responsável por registrar através de câmera de vídeo o cotidiano das pessoas. Nos dias atuais, a situação profetizada por Orwell em sua obra é algo muito comum, com a diferença de que não necessariamente as pessoas são vigiadas pelos governos, mas é fato que são filmadas por câmeras em diversos lugares que frequentam ao longo do dia. Assim, a obra originalmente publicada há mais de sessenta anos antecipou uma realidade na qual pouco se acreditava e que se tornou efetiva, o que só reforça o elo existente entre a literatura e a realidade.

Por sua vez, Todorov (2014) aponta para o alcance da literatura em relação à condição humana, comparando-a às ciências humanas e à filosofia:

Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura espera compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. Nesse sentido, pode-se dizer que Dante ou Cervantes nos ensinam tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos e que não há incompatibilidade entre o primeiro saber e o segundo (TODOROV, 2014, p. 77).

Assim, levando em conta essas considerações, a literatura está diretamente ligada à existência humana, suas problemáticas e características. E, da mesma maneira que as ciências humanas, tais quais a sociologia e a psicologia, a literatura consegue dar conta de contemplar a conduta humana em seus textos, projetando em personagens, reflexões ou narrativas as experiências, dilemas e ações do indivíduo em sociedade.

Esse viés humano da literatura é discutido por Compagnon (2009), ao considerá-la como um mecanismo de conhecimento da alteridade, através do qual é possível conhecer e compreender os diversos pontos de vista que compõem a sociedade humana:

A literatura deve [...] ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 60).

Além de possibilitar a compreensão sobre o outro, sobre o diferente, numa

sociedade tão diversa, a literatura, conforme Vieira (2008), proporciona ao indivíduo o seu desenvolvimento integral, alcançando, através da linguagem, diferentes mundos, concebendo e transformando realidades, e, dessa forma, redimensiona o seu conhecimento de mundo e amplia o seu senso crítico; além de permitir o crescimento da sua capacidade criadora, atendendo a sua carência de ficção. E, nesse sentido, Graça (2009) salienta que o poder da literatura de criar mundos possíveis e questionar a natureza humana confere ao texto literário propriedades pedagógicas que poderão auxiliar na formação da personalidade dos jovens. A amplitude das possibilidades que a literatura pode oferecer está, de certa forma, resumida no que pensa Silva (2010), quando discorre a respeito do que seja lidar com ela:

Lidar com a literatura é [...] uma maneira de compreender melhor e mais a fundo uma espécie de instrumento capaz de desautomatizar nossa percepção do cotidiano, agindo no sentido contrário à padronização de nossa apreensão da realidade; de desenvolver nossa sensibilidade e inteligência, habilitando-as plenamente para uma leitura mais abrangente do mundo; de despertar nossa capacidade de indignação, criando em cada um de nós uma consciência crítica da realidade circundante; de alicerçar nossa conduta ética no trato social, a fim de aperfeiçoar nossas interações humanas; e de desenvolver nossa capacidade de compreensão e absorção da atividade estética, a partir de uma prática hermenêutica consistente (SILVA, 2010, p. 2).

Para além de suas possíveis definições, que, como foi visto, costumam ser divergentes entre si, a grande importância da literatura para o ser humano se projeta para o ambiente escolar. Seja por seus aspectos estéticos, por sua capacidade de estimular a fantasia ou por fazer refletir sobre a conduta humana no universo, seu estudo se reveste de um caráter único e diferenciado, que ultrapassa as diretrizes muitas vezes conservadoras do currículo escolar. Por proporcionar uma liberdade de pensamento, reflexão e criação muito além do que os conteúdos mais tradicionais oferecem, a literatura deve ser um instrumento indispensável para promover o gosto pela leitura a partir do ensino escolarizado.

3. Algumas concepções sobre o ensino de literatura

Feitas as considerações sobre a natureza da literatura, é de fundamental importância para esta pesquisa discutir teorias e pensamentos acerca do ensino da literatura nas escolas e suas configurações. O ensino de literatura na escola poderia ser justificado por dois grandes objetivos: o contato com textos e escritores da literatura nacional e universal e um conhecimento mais aprofundado da língua pátria, através do estudo desses textos. Ocorre que, normalmente, nenhum desses dois direcionamentos

aponta para a leitura literária como uma atividade de contemplação artística e de reflexão sobre o mundo. O que se vê nas escolas, de maneira geral, é um ensino de literatura sistematizado para satisfazer as diretrizes educacionais ditadas pelos governos, definindo o quê e como estudar em literatura, deixando de lado o gosto e as opiniões de docentes e estudantes.

Levando em consideração as finalidades do ensino de literatura na escola, Rodrigues (2000) discute três modelos que abrangem finalidades educativas em diversas direções: o *modelo cultural*, o *modelo de linguagem* e o *modelo de crescimento pessoal*. No primeiro modelo, segundo a autora, o ensino de literatura torna os estudantes capazes de conhecer e aprender culturas distintas das suas, portanto, trata-se de um modelo ligado à transmissão de valores, ideologias, sentimentos e está centrado na transmissão da tradição por parte do docente. Nesse caso, os textos são considerados produtos através dos quais os discentes devem aprender informações.

O segundo modelo apresentado por Rodrigues (2000) é o linguístico, segundo o qual a literatura é constituída de linguagem e os textos dessa natureza são, dessa forma, modelos de linguagem. A partir dessa premissa, o ensino de literatura promove e desenvolve capacidades linguísticas dos alunos. Entende-se que, nessa perspectiva, quanto mais contato tiver o estudante com textos literários, maior capacidade terá de ler o texto como literatura, estabelecendo conexões entre as formas linguísticas do texto e seus significados literários. As abordagens de ensino, neste modelo, estão mais direcionadas ao aprendizado de usos da linguagem em textos de natureza literária. O terceiro modelo apresentado, o de crescimento pessoal, direciona-se ao envolvimento pessoal e afetivo do estudante com os textos literários. Dessa maneira, acredita-se que o professor, ao ensinar a leitura de textos literários, estará contribuindo para o crescimento pessoal de seus alunos. Este modelo está mais centrado na figura do estudante, procura-se motivá-lo para a leitura a fim de constituir uma experiência pessoal e coletiva. O texto, nestas situações, não está baseado na informação ou em seu aspecto linguístico, mas como um elemento do qual o leitor pode se apropriar e tecer suas próprias considerações sobre ele.

É possível depreender que os três modelos de ensino apresentados por Rodrigues (2000) tendem a se mesclar no contexto contemporâneo da prática educativa relativa à literatura, compreendendo três eixos de atenção: o cultural, o linguístico e o pessoal, que pode estar associado à experiência individual ou frutiva do texto ou à sua concepção e análise estética. Assim, o ensino contemporâneo de literatura parece transitar entre esses

níveis, a depender do contexto sociocultural em que se desenvolva. Para ampliar essa discussão, Zilberman (2008, p. 49) aponta que “o ensino de literatura move-se entre dois objetivos: ajuda a conhecer a norma linguística nacional, de que é simultaneamente a expressão mais credenciada [...] e responde por uma história que coincide com a história da região de quem toma o nome e cuja existência acaba por comprovar”. Assim, retoma o método linguístico enunciado por Rodrigues (2000) e acrescenta uma nova direção, ligada ao discurso da identidade nacional, configurando a literatura como elemento que reforça ou ratifica esse sentido de nacionalidade. Zilberman (2008) ainda complementa e amplia essa noção, ao explicar que:

As duas metas acabam por mesclar, porque, juntas, corroboram a existência da nacionalidade brasileira, aprofundando a autonomia, de um lado, linguística, de outro, política. O caráter educativo toma configuração mais ampla, porque o ensino da literatura reforça algumas certezas, entre as quais se conta a de que o local onde se vive constitui uma unidade independente, com propriedades, tais como a língua e a cultura, que a definem e personalizam (ZILBERMAN, 2008, pp. 49-50).

Ainda sobre essas diretrizes possíveis para o ensino de literatura, Morin (2003) apresenta a literatura, ao lado de outras artes, como o cinema e a poesia, sob a definição de “escola de vida”, abrangendo diversas possibilidades de ensinamentos, sob as perspectivas do conhecimento da língua, da emoção estética, da descoberta de si, da compreensão humana e da complexidade humana. O autor explica a configuração conjunta dessas diretrizes ao afirmar que “Enquanto na vida quotidiana, somos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos a comiseração, a piedade e a bondade, ao ler um romance ou ver um filme” (MORIN, 2003, pp. 50-51). E complementa esse raciocínio, declarando que “Literatura, poesia, cinema, psicologia, filosofia deveriam convergir para tornar-se escolas da compreensão. A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos incompreensão generalizada” (MORIN, 2003, p. 51).

Como é possível depreender, o ensino de literatura reúne características diversas, mas complementares entre si, configurando-se como uma prática complexa e acima de tudo rica em possibilidades. Se, por um lado, há que se observar os seus aspectos linguísticos ou estéticos, inerentes a essa atividade, por outro, há elementos mais subjetivos, porém não menos importantes, como a questão cultural, identitária ou pessoal (este último reúne vários elementos, desde a fruição ao desenvolvimento intelectual). Decorre disso um dos principais entraves ao melhor funcionamento deste

ensino nos dias de hoje: a concentração numa via, mais conservadora, atrelada na maioria das vezes aos objetivos linguísticos (uso do texto literário como pretexto para o ensino da língua) ou a uma concepção mais pragmática da literatura (concentração do ensino em teorias literárias ou na historicização da literatura em detrimento do estudo das obras).

Ensinar literatura, considerando a tamanha complexidade do que essa tarefa significa, requer amplitude, disposição em estender o horizonte de suas práticas, a fim de contemplar, o máximo possível, as suas diferentes diretrizes e possibilidades. Essa riqueza do ensino literário é justamente o que provoca a sua complexidade, considerando tantas diretrizes a contemplar no percurso educacional. Sobre a riqueza desse ensino, Bernardes (2005) defende as suas vantagens:

[...] enquanto condensador e construtor de memória, cadinho de sentimentos e emoções, veículo tensional de valores e ideias, o texto literário reúne potencialidades formativas absolutamente insubstituíveis no âmbito de qualquer modelo de formação orientado para o bem comum, seja de âmbito nacional seja de natureza e alcance pós-nacional (BERNARDES, 2005, p. 126).

Ao considerar justamente a complexidade da tarefa que é ensinar literatura, Murrie (2007) propõe um ensino plural, que contemple diversas direções e práticas no sentido de propor um ensino eficiente do ponto vista técnico, mas acima de tudo mais reflexivo e emancipador:

[...] o ensino de literatura deve ampliar o conhecimento do aluno sobre o texto literário, num processo constante de repensar, de construção e desconstrução, desenvolvendo a observação do raciocínio, a análise e síntese, a crítica, através da exposição a diferentes formas de expressão artística, estabelecendo relações entre: diferentes textos (intertextualidade); textos do mesmo autor em diferentes momentos históricos; gêneros de diversas épocas; a linguagem utilizada pelo autor e outras linguagens... (MURRIE, 2007, p. 88).

Não é possível conceber um ensino de literatura anacrônico, incapaz de motivar a percepção das constantes relações estabelecidas entre o texto literário, os demais ramos do conhecimento e a realidade circundante. Segundo Martins (2009), essa integração entre literatura e o contexto pessoal dos indivíduos e o contexto sociocultural como um todo deveria ser mostrada aos alunos através do seu ensino:

Ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária. [...] É essa integração entre o texto literário e a dimensão social que a escola poderia mostrar aos alunos. Estes deveriam perceber as possibilidades de

significação que o texto literário permite, como objeto artístico polissêmico que transgride convenções e envolve o leitor num jogo de descobertas e redescobertas de sentidos (MARTINS, 2009, p. 91).

É absolutamente natural do contato com o universo literário que o ser humano demonstre juízo de valor, uma valoração pessoal, particular do texto lido, com base em suas referências e expectativas. Esse aspecto não pode ser menosprezado pelo ensino de literatura na escola, mesmo sob a desculpa das imposições curriculares e objetivos impostos pelo sistema educacional vigente. Não resta dúvida de que é necessário contemplar critérios técnicos nesse ensino, como a análise estética, interpretativa e até mesmo linguística, afinal os textos literários não são constituídos de forma isolada do contexto. No entanto, priorizar esses aspectos ou até mesmo segui-los exclusivamente pode emperrar a eficiência desse ensino, como ensina Todorov (2014), ao destacar a importância da literatura como sendo um meio, acima de tudo, para que o ser humano consiga compreender melhor o mundo que o rodeia, ou mesmo que o viabilize a compreensão de si mesmo:

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte ('nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação'), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (TODOROV, 2014, p. 33).

O “impasse” citado por Todorov está contido em um conjunto de problemas que permeiam o ensino de literatura nos dias de hoje. Problemas que surgem de vários afluentes, relacionados com o professor, aluno, escola, currículo, política educacional, sociedade..., e que têm dificultado a formação do gosto pela literatura e conseqüentemente pela leitura nas escolas.

4. Considerações Finais

A literatura proporciona ao ser humano o acesso a um contexto único, repleto de possibilidades, desvelando um horizonte de fruição e também de reflexão sobre a realidade, o que contribui para a sua formação como pessoa, além de lhe proporcionar um contato privilegiado com as estruturas linguísticas. Logo, seu ensino se reveste de particular importância na escola, principalmente como instrumento de grande relevância no sentido de apresentar ao estudante, através da leitura, um amplo cabedal de estórias, personagens e significações. No entanto, para que seja eficaz nesse objetivo, o ensino de

literatura precisa se desconectar de práticas conservadoras, que não privilegiam a leitura e a literatura em sua essência, que muitas vezes substituem o prazer de ler pelo estudo de características de estilos literários, entre outros procedimentos.

Dessa maneira, é preciso que o ensino de literatura se constitua um caminho eficiente para despertar nos estudantes o gosto pela leitura. Para que isso se torne possível, deve contemplar de forma mais direta o educando, considerando seu contexto sociocultural ou seus gostos na escolha dos textos a serem trabalhados, ou mesmo dando maior ênfase à leitura dos textos em detrimento da postura mais conservadora de usar o texto literário para abordar questões linguísticas ou analisar aspectos estéticos de movimentos literários. Assim, poderá possibilitar aos discentes uma formação mais completa, que os conduza cada vez mais ao desenvolvimento de suas habilidades cognitivas com criticidade e autonomia.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, J. A. A literatura no Ensino Secundário: Excessos, expiações e caminhos novos. In DIONÍSIO, M. L. & CASTRO, R. V. (Orgs.). **O Português nas Escolas: ensaios sobre a língua e a literatura no ensino secundário** (pp. 93-132). Coimbra: Almedina, 2005.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. (9. ed.). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- D'ONÓFRIO, S. **Pequena enciclopédia da cultura ocidental: o saber indispensável, os mitos eternos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução** (6. ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GRAÇA, M. M. **Contributos para a reflexão: A formação de leitores literários em contexto escolar**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2009.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.
- LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2010.
- LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação do professor** (3. ed.) (pp. 83-102). São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários** (12. ed.). São Paulo: Cultrix, 2004.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento** (8. ed.). Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2003.

MURRIE, Z. Ensino de Literatura no 2.º grau. *In* MURRIE, Z. (Org.). **O ensino de Português: do primeiro grau à universidade** (pp. 79-88). São Paulo: Contexto, 2007.

RODRIGUES, A. **O ensino de literatura no ensino secundário: uma análise dos manuais para-escolares**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

SILVA, M. Literatura e experiência de vida: novas abordagens no Ensino de Literatura. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**, 6(2), 1-10, 2010.

SOUZA, R. A. **Teoria da literatura** (10. ed.). São Paulo: Ática, 2007.

SPINA, S. **Introdução à poética clássica** (2. ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

TODOROV, T. **A literatura em perigo** (5. ed.). São Paulo: Difel, 2014.

VIEIRA, A. Formação de leitores de Literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos. **Cadernos de Pesquisa**, 38(134), 441-458, 2008.

ZILBERMAN, R. Literatura, Escola e Leitura. *In* SANTOS, J. F. & OLIVEIRA, L. E. (Orgs.). **Literatura & Ensino** (pp. 45-60). Maceió: EDUFAL, 2008.